

## **A ORIGEM DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE O PROCESSO DE CRIAÇÃO E ALGUNS DE SEUS RESULTADOS**

**Alline Fernandes Corrêa<sup>1</sup>**

Graduanda em Arquitetura e Urbanismo<sup>2</sup> – UFMG

### **RESUMO**

Este trabalho, parte integrante da pesquisa “PET UFMG 1985-2005: seu legado e sua história”<sup>3</sup>, concentra-se em historiar a concepção do Programa de Educação Tutorial, com o intuito de detalhar seus princípios e fundamentos. Originalmente denominado Programa Especial de Treinamento, o PET foi diretamente inspirado em um experimento acadêmico da Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG, o Sistema de Bolsas, criado em 1954. Neste artigo traçamos um paralelo entre os princípios do Sistema de Bolsas da FACE e a proposta original do PET, conforme instituído em 1979 pela CAPES.

**Palavras-chave:** programa, pesquisa, ensino, extensão, história.

### **ABSTRACT**

This work, an integral part of the research “PET UFMG 19852005: its legacy and its history”, focuses on the history of the Tutorial Education Program project, in order to use its principles and foundations. Originally called the Special Training Program, PET was directly inspired by an academic experiment from the Faculty of Economic Sciences at UFMG, the Scholarship System, created in 1954. This article is a parallel between FACE's scholarship systems and the original proposal of the PET, as instituted in 1979 by CAPES.

**Key words:** program, research, education, history .

---

<sup>1</sup> Organização e revisão: Celina Borges (Tutora); Iara Coelho (bolsista); Maria Santos (bolsista) do PET Arquitetura 2020.

<sup>2</sup> A época de confecção do artigo.

<sup>3</sup> Pesquisa realizada em cumprimento das atividades do PET Arquitetura da UFMG no período 2005/2006. Ver: CORRÊA, Alline Fernandes. PET UFMG 1985-2005: seu legado e sua história. Monografia. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura da UFMG, 2006.

## 1. INTRODUÇÃO

Originalmente denominado “Programa Especial de Treinamento”, PET foi criado como um programa de investimento acadêmico destinado a formar lideranças intelectuais, uma “elite”, dentro da universidade brasileira que, segundo a perspectiva de seu criador, carecia de enclaves de qualidade em tempos de massificação. O educador, Cláudio de Moura Castro, diretor geral da Capes entre 1979 e 1982, participou de um experimento acadêmico denominado “Sistema de Bolsas” na transição dos anos de 1950 e 1960, durante a sua permanência na FACE – Faculdade de Ciências Econômicas da UFMG. Entre esses primeiros bolsistas, resultados obtidos, em termos de qualidade acadêmica, e expressivo sucesso nos exames de pós-graduação a que seus egressos se submeteram, o modelo do Sistema de Bolsas tornou-se para Castro uma referência original para programas de excelência no ensino superior brasileiro.

Após ter contato com outras experiências de semelhante propósito e bem-sucedidas, Castro se empenhou em convencer universidades brasileiras a adotarem programas parecidos ao Sistema de Bolsas, porém sem êxito: “[...] todos achavam a ideia ótima mas diziam que sem recursos públicos, nada feito” (CASTRO, 2001, p.6). Ao se tornar dirigente da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes, o educador dispunha de meios suficientes para criar, no ano do início de sua gestão, o Programa Especial de Treinamento. Inicialmente contou com uma equipe disposta a implementá-lo e acarretou um custo modesto ao orçamento da agência. “Dez anos de pregação não levaram a nada. Como diretor da Capes, com um canetaço, crio um programa” (CASTRO, 2001, p.7).

## 2. INSPIRAÇÃO: O SISTEMA DE BOLSAS DA FACE-UFMG (1954)

Yvon Leite de Magalhães Pinto, um dos fundadores e primeiros professores da Faculdade de Ciências Econômicas – FACE, ocupou a diretoria desta instituição entre 1946 e 1960 em sucessivas reeleições. Nesses primeiros anos, quando “tudo estava por fazer”, prof. Yvon fazia planos para que a Faculdade se tornasse um verdadeiro instituto de educação e de pesquisa – quando a condução da Faculdade conformava um corpo docente pouco especializado nas disciplinas que lecionava, assim como se dava nas tradicionais escolas de comércio.

Diante dessa realidade, Pinto elaborou um programa para a FACE que contemplava, dentre outros, os seguintes alvos: elevação do nível de ensino, renovação do corpo docente, incorporação da Faculdade na então Universidade de Minas Gerais; e a criação do setor de

pesquisas. Até o ano de 1950, o professor se dedicou fielmente a tais objetivos de modo a ter alcançado, já em 1948, a incorporação da Faculdade na então Universidade de Minas Gerais, logo federalizada em 1949.

O programa que o diretor projetou para a FACE já continha em si as origens do que seria no ensino superior brasileiro, segundo Dias (2002, p. 08): “a primeira experiência de tempo integral para docentes e alunos, no âmbito de um programa interdisciplinar”. Já no projeto de lei da federalização da Faculdade, incluía-se a implantação da Assistência de Ensino com o objetivo de possibilitar a renovação do corpo docente. Este poderia reunir, segundo Pinto (1963, p. 33), “[...] elementos inteligentes, com base cultural e dispostos a se especializarem nas cadeiras a que assistissem”. Tudo isso, com o devido cuidado de evitar que a iniciativa caísse num sistema de favores ou protecionismos.

Para receber esses novos elementos que a Faculdade preparava para seu corpo docente, instituiu-se também um Corpo Técnico de Pesquisa com a missão de garantir a dedicação integral desses professores às atividades de acordo com Pinto (1963, p. 36), “de ensino, de pesquisas e de altos estudos”. Esse “grupo de elite intelectual”, em curto prazo, permitiu à Faculdade alcançar rapidamente um elevado nível de ensino, e o renome de que desfrutou durante as décadas seguintes.

“Dentro da velha Faculdade, e sem interromper-lhe o funcionamento, teria de ser estruturada uma nova Faculdade” (PINTO, 1963, p.31). Neste processo de transformação da FACE, o diretor sabia ser necessário investir também nos graduandos, para além da capacitação em andamento do corpo docente.

Cumpria que a Faculdade passasse a diplomar elementos mais capacitados, para serem utilizados pela própria escola, nas atividades técnico-científicas, e ainda para atender às necessidades do mercado profissional. Daí a ideia do regime de tempo integral de estudo para alunos, mediante o sistema de bolsas de estudo. (PINTO, 1963, p.38)

Desse modo, o então diretor sintetizou a necessidade e os propósitos da criação do Sistema de Bolsas, em que congregaria os alunos mais talentosos e destacados pela inteligência, cultura e dedicação, selecionados por uma comissão de docentes. A princípio, esses alunos receberiam um pequeno auxílio mensal apenas para manutenção, e eram proibidos de exercer outras atividades “estranhas ao ensino”. Os bolsistas deveriam dedicar-se integralmente aos

estudos, permanecendo em salas adequadas, dispondo de material bibliográfico e sob a orientação dos técnicos de pesquisa (PINTO, 1963, p.38).

Os professores da Faculdade reagiram à proposta; alguns aprovaram integralmente a ideia, outros questionaram pela primeira vez o fato de se pagar para determinados alunos estudarem quando o ensino superior federal já era gratuito. Surgiu também a dúvida sobre o financiamento formal do sistema, quanto à licitude do investimento de recursos federais no pagamento do auxílio aos bolsistas. De modo original, Pinto buscou uma saída na iniciativa privada: graças à influência do Dr. Cristiano França Teixeira Guimarães, o diretor conseguiu o apoio dos Bancos Comércio e Indústria, Minas Gerais e Crédito Real, e da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Dispondo do auxílio dessas instituições para a manutenção dos bolsistas, o regulamento do Sistema de Bolsas foi aprovado e instituído em junho de 1954.

O idealizador do Sistema de Bolsas assim descreve o seu funcionamento original:

O regime que estabeleci para os bolsistas, os deveres e obrigações a eles atribuídos e a modalidade de fiscalização que exercia sobre suas atividades, traduziam meu desejo de inculcar-lhes um conceito de disciplina baseado no senso de responsabilidade de cada um. Fixando-lhes um horário a ser cumprido à tarde, não os submeti à assinatura de relógio ou livro de ponto. Nunca os puni pelas pequenas faltas ou irregularidades que praticavam, uma vez por outra, limitando-me a advertências amistosas. (PINTO, 1963, p.39)

Verifica-se o caráter interdisciplinar já nos princípios do Sistema, ao contar com estudantes dos vários cursos congregados na FACE – Economia, Administração de Empresas, Ciências Contábeis, Administração Pública e Sociologia Política: no Sistema de Bolsas, segundo Bacha (1998, p. 3), “se encontravam os politicamente atuantes estudantes do curso de sociologia e política, Herbert de Souza, Ivan Ribeiro, Juarez Teotônio dos Santos, Simon Schwartzman, Bolívar Lamounier, Amaury de Souza, entre outros. Havia também os ‘reacionários’ do curso de administração de empresas”. E em razão dessa diversidade – e conseqüentemente da efervescência intelectual e política, o Sistema também exerceu importante papel na formação de seus alunos durante os governos militares:

[...] os bolsistas promoviam encontros, grupos de estudos e discussões em linhas expressamente proibidas pelo regime e também atuavam

diretamente no movimento estudantil por meio do Diretório Acadêmico da FACE, que chegou a ser o mais importante de Minas Gerais à época. Tudo isso culminou, inclusive, com a participação de bolsistas no movimento de redemocratização. (SILVA *et al.*, 2004)

A esse respeito, o ex-bolsista José Murilo de Carvalho nos relata sua experiência na militância política, durante a permanência no Sistema de Bolsas, essencialmente atrelada à vida acadêmica:

Havia [...] uma combinação fantástica de uma grande agitação, um grande envolvimento político, e ao mesmo tempo um grande envolvimento acadêmico. Ninguém podia ser líder estudantil se não fosse dos melhores alunos da turma. Uma das credenciais para ser líder era ser um excelente aluno. Esse ponto de vista implicava também que a ação política era frequentemente orientada por leituras. (CARVALHO, 1998 *apud* CASTRO *et al.*, 1998, p. 360)

Neste sentido compreendemos que o Sistema de Bolsas abrigava em si, originalmente, os fundamentos de uma formação integral de seus participantes, consolidando-se como ocasião em que o elitismo intelectual concorre para, e antes mesmo fundamenta, a responsabilidade social, política e cidadã de seus integrantes.

### **3. CRIAÇÃO: A PROPOSTA ORIGINAL DE CLÁUDIO DE MOURA CASTRO (1979)**

Cláudio de Moura Castro participou do Sistema de Bolsas durante sua formação na Faculdade de Ciências Econômicas, que o integrou como bolsista a partir do ano de 1959. Desde 1954, ou seja, em apenas cinco anos de existência, o Sistema havia instalado, para Castro (2001, p. 3), “um *ethos* organizacional onde os valores da pesquisa, da discussão inteligente, da análise, da busca de conhecimento, eram reforçados mutuamente”. Esse clima intelectual era tão expressivo que chegava a “recrutar bolsistas” fora da Faculdade; Castro o confirma: “alguns chegavam a sair de Ouro Preto e da Medicina da UFMG. Eu mesmo fui atraído tanto pela profissão como pela perspectiva do tempo integral” (CASTRO, 2005, p. 4).

Em sua permanência no Sistema, o futuro criador do PET testemunhou a eficiência daquele experimento no sucesso de seus integrantes, nos concursos de trabalhos monográficos em Economia, em que a qualidade técnica e crítica dos trabalhos dos bolsistas foi premiada e

reconhecida, em detrimento “das vacas sagradas da USP e da UFRJ”. Assim denominou educador quando, posteriormente, avaliou o desempenho dos egressos nos exames para o primeiro programa de pós-graduação na área – no Centro de Aperfeiçoamento de Economistas da Fundação Getúlio Vargas / Rio de Janeiro. Mais tarde, Castro obteve essas evidências também a partir do desempenho dos ex-bolsistas no exame unificado da Associação Nacional dos Centros de Pós-Graduação em Economia – ANPEC, em que durante mais de dez anos a FACE aprovou entre 90 e 100% de seus candidatos (CASTRO, 2005). De semelhante modo foi o êxito dos ex-bolsistas nos exames de pós-graduação no exterior, a partir da década de 1970 (SPAGNOLO; CASTRO; PAULO FILHO, 1996, p.7). Dentre os egressos do Sistema, vários nomes figuram hoje destacadamente em suas áreas, em termos de trajetória acadêmica, profissional e política<sup>4</sup>; e diante desses resultados "só havia uma conclusão, o Sistema de Bolsas era bom" (CASTRO, 200, p.6).

O educador buscou desvendar outras experiências similares ao Sistema de Bolsas, e encontrou no ensino norte-americano um programa semelhante: os *Honors Programs*, sistema aplicado nos ensinos médio e superior americanos. Neste, os alunos selecionados recebem um tratamento diferenciado e cursam disciplinas em forma de seminários que criam oportunidades para o desenvolvimento de habilidades acadêmicas. Através do trabalho árduo e da busca pela excelência, os alunos participam de cursos e atividades extracurriculares que, no caso do ensino superior, propiciam aos alunos maior proximidade junto aos professores através da promoção de uma gama de cursos especiais sobre temas transdisciplinares, dos quais os alunos participam em turmas reduzidas.

Nesses cursos, que envolvem maior carga de leitura e produção escrita, os universitários são levados ao desenvolvimento e enriquecimento de pensamento crítico e argumentativo; no último ano do programa, desenvolvem um projeto em que exercitam o aprendizado em habilidades de pesquisa, Esses realizam o trabalho final em formato adequado à área de estudos do aluno – científica, artística, etc. Os *Honors Programs* buscam instalar, em meio à universidade média e em geral à educação americana, “enclaves de qualidade” acadêmica em que se viabilize a produção intelectual de excelência (NATIONAL, 2005. *Mission Statement*.)

---

<sup>4</sup> Sobre os egressos do sistema, Castro nos relata: "começavam a despontar nomes que até hoje estão na primeira linha em suas áreas: Edmar Bacha, Simon Schwartzman, Bolívar Lamounier, Vilmar Faria, Paulo Haddad, Vando Borges, Amaury de Souza, Fabio Wanderley (...), Ricardo Santiago, Roberto Martins, Daniel Ribeiro de Oliveira, Rogério Werneck, José Marcio Camargo, Eustáquio Reis. Há uma geração de diretores do BNDES e do BDMG da mesma origem. Há Secretários de Estado em Minas Gerais e em Brasília. Dali provêm as lideranças de esquerda, como Vinícius Caldeira Brant, e de direita também. Isso tudo vindo de um número total que mal ultrapassa duzentos bolsistas." ([200-?], p. 6).

Ao assumir a diretoria da CAPES em 1979, Cláudio de Moura Castro dispunha de meios suficientes para colocar em prática, em escala nacional, o experimento de que participou enquanto estudante. Castro compartilhava princípios de que seria necessário oferecer para os líderes em potencial uma formação diferenciada, elitizada academicamente; porém enfatiza que dos beneficiados deveriam corresponder esforço e resultados bem acima da média. Segundo Castro (2001), essa elite era tradicionalmente forjada no Brasil em pequenas instituições de ensino superior cuja formação se oferecia em níveis mais exigentes, tais como Escola de Minas de Ouro Preto, Universidade de São Paulo – USP e Instituto Tecnológico de Aeronáutica – ITA.

A partir das décadas de 1960 e 1970, com a Reforma Universitária, aumento da demanda por vagas e consequente expansão do ensino superior brasileiro, criou-se no país uma universidade “enorme e heterogênea”, que não acompanhou o crescimento do número de matrículas com a necessária melhoria na qualidade do ensino. Semelhantemente, os recém-criados cursos de pós-graduação, embora bons programas, tiveram como fator limitativo à melhoria de sua qualidade o potencial insuficiente dos alunos que ingressaram nos cursos de mestrado, que acarretou prejuízos em relação ao tempo médio de titulação (DESSEN, 1995, p. 2). Diante dessa realidade, a solução para a criação de ambientes necessários à formação de novas lideranças seria “esconder um enclave de qualidade dentro de uma universidade de massa” (CASTRO, 2001). Segundo Dessen (1995, p. 2),

Partindo-se do ponto de vista de que as necessidades do país, nas diversas áreas do conhecimento científico e tecnológico, são atendidas por egressos de indiscutível qualidade; que os atributos de tais profissionais são desenvolvidos em um processo de aperfeiçoamento contínuo de alto nível; e que quando este é aplicado a um grupo reduzido de alunos possibilita um maior controle de sua qualidade, pensou-se em uma solução a curto prazo, passível de adoção imediata, que seria, então, criar programas de excelência.

Desse modo, o Programa Especial de Treinamento foi implantado: nos cursos mais promissores, dever-se-ia selecionar os melhores alunos e mantê-los integralmente em dedicação exclusiva aos estudos. Para tal fim, a unidade de ensino deveria dispor de espaço físico adequado e uma boa biblioteca. Além disso, o propósito de criação deste sistema defendia um direcionamento *a priori* do caráter do estudo, que partia de um princípio de autonomia, quase

de autodidatismo, como se verifica já nos primeiros anos da implantação do Sistema de Bolsas. "Se a hipótese de que esse povo foi bem recrutado, de que são brilhantes, de que são dedicados e são motivados for correta, não pode deixar de dar certo" (CASTRO, 2001). A ideia original apostava na dinâmica intelectual instaurada, nesse "ethos organizacional" que permite o desenvolvimento dos trabalhos por parte dos alunos, liberando as iniciativas de modo flexível e adequado a cada curso e instituição em que fosse implantado o programa. "O resto", segundo Castro, "aconteceria sozinho".

Era objetivo do programa propiciar aos alunos de graduação as condições que favorecessem sua formação acadêmica tanto para a integração no mercado profissional como para o desenvolvimento de estudos em programas de pós-graduação. As atividades extraclasse que compunham o "treinamento especial" visavam a formação global do aluno, procurando atender mais plenamente as necessidades do próprio curso de graduação e/ou ampliar e aprofundar os objetivos e os conteúdos programáticos da grade curricular. Era necessário criar mecanismos que possibilitassem o desenvolvimento das potencialidades dos alunos preservando e incentivando focos de excelência acadêmica, num contexto que ia se incomodando cada vez menos com a mediocridade. Tratava-se de constituir, dentro da universidade, pequenos grupos formados por alunos que se destacassem pelo desempenho e neles concentrar esforços de orientação acadêmica, acompanhamento e estímulos financeiros, de modo a permitir dedicação exclusiva e integral aos estudos. O que se visava, era formar profissionais de alto nível para todos os segmentos do mercado de trabalho, com destaque especial para a carreira universitária, tendo em vista o seu efeito multiplicador. (SPAGNOLO; CASTRO; PAULO FILHO, 1996, p. 8)

De acordo com o seu criador, a ideia original do programa baseou-se em um investimento acadêmico específico e direcionado aos alunos participantes. "Melhorar a graduação era um produto secundário, algo que viria por si só, sem uma política explícita [...]. Acreditávamos que isso seria um subproduto inevitável, quase automático" (CASTRO, 2001, p.7). Para Castro, o programa não deveria corresponder aos padrões comumente idealizados em outros programas de ensino superior: "não é um sistema de voluntariado visando resolver um problema social"; "não é para usar os bolsistas como substitutos dos professores"; "não é

instrumento de equidade, de benemerência ou de justiça social”. O programa tinha uma lógica simples: “trata-se de buscar os melhores candidatos oferecer-lhes as melhores condições de crescimento intelectual”. Ambicionava assim que o PET viesse a formar as pessoas que vão “mudar o Brasil”, lançando sobre o programa as expectativas verificadas através do Sistema de Bolsas da FACE, em suas devidas proporções.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De acordo com o exposto acima, a ideia e criação do Programa Especial de Treinamento não surgiu aleatoriamente e nem distante de experiências efetivas no contexto acadêmico. Muito pelo contrário, desde os primeiros registros das vivências e depois, experiências, notificadas no âmbito da Faculdade de Ciências Econômicas já se enunciava a importância e necessidade de se valorizar e estimular as atividades intelectuais dos estudantes para além da sala de aula. Portanto, o Sistema de Bolsas da FACE consolida uma gestão educacional avançada em nome da valorização de novas pedagogias que já aspirava a integração entre ensino e pesquisa. A partir de 1954, esse sistema articulado com o colegiado do curso e com a diretoria da Face deixa evidenciar a importância dessa integração vertical do curso que busca estimular a excelência na formação dos alunos e alunas. E desses primeiros grupos de bolsistas nasciam intelectuais que contribuíram em vários setores públicos e muitos deles puderam conciliar essas atuações com a suas contribuições enquanto docentes.

Dessas condições iniciais e depois a partir da consolidação e aprimoramento desse sistema de bolsas da faculdade, presença de Moura Castro na CAPES possibilita a criação do programa PET. Inicialmente implantado em universidades selecionadas pelas suas boas infraestruturas, posteriormente, o programa ampliou-se e aprimorou-se já numa envergadura de relevância nacional. Um dos segredos da sua longevidade se vincula a esses anos em que o programa incorporou várias áreas do conhecimento. Além disso, essas conquistas evidenciam também o avanço acadêmico das nossas instituições de ensino superior.

A ampliação dos grupos PET e a presença de mudanças em sua constituição do programa justifica em parte da razão desse se manter vivo nessas décadas. E nesse processo, observam-se alguns pontos que ainda estruturam e asseguram essa sua longa duração. Entre essas constatamos uma, advinda dos pilares da sua idealização: a continuidade dessa verticalidade institucional de apoio e incentivo ao programa e a inestimável contribuição dos decentes tutores/orientadores e, especialmente das gerações de bolsistas. Por isso, o programa

Corrêa

continua ativo e inovado e, a cada dia, mais aprimorado pautado pelas ações coletivas compartilhadas e com a chegada das atividades de extensão.

Seria inspirador recordar o filósofo espanhol José Ortega Y Gasset ao nos alertar sobre essa dimensão do ser, em seu livro *Missão da Universidade*, quando afirma:

“a única coisa suficiente e imprescindível para que um ser – individual ou coletivo – subsista plenamente [... é]: posicioná-lo em sua verdade, dar-lhe sua autenticidade, e não nos empenharmos em que ele seja o que não é, falsificando seu destino inexorável através de nosso arbitrário desejo.” (ORTEGA Y GASSET, 1999, p. 50, grifo original).

Acreditamos, também acerca do Programa agora denominado de “Educação Tutorial”, que seremos mais capazes de intervir criticamente em seu desenho, estrutura e funcionamento à medida que partirmos de uma revisão prévia, como ressalta Ortega y Gasset (1999, p.50), “feita com enérgica clareza, com decisão e veracidade” de sua missão, origens e fundamentos.

## REFERÊNCIAS

BACHA, Edmar L. Memória Acadêmica. **Economia Aplicada**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 197-210, 1998.

CASTRO, Cláudio de M. **O PET visto por seu criador**. [S.l.: s.n., 2005]. Ensaio. Disponível em: <<http://www.petma.ufsc.br/arquivos/artigo.doc>>. Acesso em: mar. 2005.

CASTRO, Cláudio de M. **O PET visto por seu criador**. [S.l.]: PET-EPS UFSC, 2001. Palestra proferida no I Brainstorm, evento organizado pelo PET-EPS da UFSC. Disponível em: <<http://www.petma.ufsc.br/arquivos/palestra.mp3>>. Acesso em: mar. 2005.

CASTRO, Celso; OLIVEIRA, Lucia L. e FERREIRA, Marieta de M. Entrevista com José Murilo de Carvalho. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 12, 1998, p. 357-378.

DESSEN, Maria A. **O Programa Especial de Treinamento – PET: Evolução e Perspectivas Futuras**. Brasília: CAPES, out. 1995.

DIAS, Fernando C. **O significado de uma comemoração.** UFMG 75 anos. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2002. Disponível em: <[http://www.ufmg.br/75anos/dep\\_fcdias.htm](http://www.ufmg.br/75anos/dep_fcdias.htm)>. Acesso em: mar. 2005.

NATIONAL Collegiate Honors Council. Webpage. Disponível em: <<http://www.nchchonors.org>>. Acesso em: out. 2005.

ORTEGA Y GASSET, José. **Missão da Universidade.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

PINTO, Yvon L. M. **O movimento estudantil de 1960 na Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade de Minas Gerais.** Belo Horizonte: Santa Maria, 1963.

SILVA, Núbia C. et al. Meio século do Sistema de Bolsas. Seção Opinião. **Boletim Informativo da UFMG.** Nº 1462 Ano 31 11.11.2004.

**Artigo submetido em agosto de 2020 e aprovado em novembro de 2020.**